

pessoa, cultura, saber e educação

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.***

***Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.***

***Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br***

ou em

www.sitiodarosadosventos.com.br

LIVRO LIVRE

Viver como experiência do aprender a saber

Entre educadores e estudiosos da educação, a pergunta sobre o seu próprio significado, em nossos tempos regidos pela instabilidade e pela transformação. Qual o sentido humano e qual o lugar social da educação na vida presente e na vida do futuro que nos toca pensar e antecipar? As idéias seqüenciadas aqui, de maneira ainda muito provisória, quase como num primeiro rascunho, tentam responder a esta pergunta a partir desses novos olhares sobre o processo do saber.

O tipo de sociedade para a qual estamos convergindo, entre a busca do humano e a ameaça sempre presente da barbárie (lembrar Theodor Adorno), pode ser pensada como a sociedade da era do conhecimento, da era da consciência. Como uma experiência local e mesmo planetária de uma comunidade de seres que finalmente haverão de deslocar o trabalho como o eixo central da organização social da cultura, para colocar nele o saber. Convergimos ao desafio de estabelecermos uma sociedade aprendente. Uma complexa comunidade humana múltipla e culturalmente muito diferenciada regida por extensões ainda inimagináveis de teias e tramas de sentidos e de significados. Provavelmente quase toda a atividade humana existente e a vir a existir nela tenderá a convergir ascendentemente na direção de uma nova e promissora cultura do saber.

Um primeiro olhar amador sobre a própria vida, em qualquer de seus planos, em qualquer dos seus modos de realização, poderia nos ajudar a repensar a questão do saber. Tendemos a associar o conhecimento à cultura, pois dentro de contextos humanos todo o conhecimento significativo é vivido com e através de símbolos, de sentidos e de significados. De palavras como estas que escrevo agora. E as escrevo como escrevo porque pertence a sistemas de códigos e de gramáticas culturais por meio dos quais o que vivo, sinto e penso pode ser transformado – e é inevitavelmente transformado – em letras que dizem palavras para que as palavras traduzam idéias, pensamentos, conhecimentos. Para que com e através delas eu possa estar sempre em comunicação com outros seres de minha espécie e de minha cultura, capazes de não apenas viverem, sentirem e pensarem como eu, mas estabelecerem comigo um diálogo de sentidos e de significados que herdamos dos que nos antecederam, que contribuímos para preservar ou transformar, e que iremos transmitir aos que nos sucederão.

Uma visão do saber e do aprender não mais como empilhamento de conteúdos e como estocagem de conhecimentos, mas como fluxos, trânsitos e transformações interiores e interativas – algo que se passa continuamente na qualidade de minhas relações interiores e na qualidade de meus relacionamentos com outras pessoas – deverá nos conduzir a compressões bastante inovadoras a respeito da própria educação. Nesta mesma direção, uma nova visão da educação deverá estar entrelaçada com a idéia de uma convivência sempre inacabada, instável e ininterrupta com fluxos de conhecimento na-e-durante toda vida de cada um de nós: eu, um ser que sabe e aprende continuamente, sou uma teia, um tecido, uma cadeia, uma árvore, uma abertura sem-fim de-e-ao conhecimento. E o mesmo vale para a dimensão interativa, solidária, social do processo de aprender. Pois de uma maneira ou de outra somos elos, somos correntes, e também fluxos e teias de conhecimento entre seres humanos, assim como, quem sabe em algum momento do futuro? entre humanos e outros seres da vida. A educação deve tender a ser cada vez mais o lugar da troca de e do diálogo entre sujeitos de saberes, de valores, de sentimentos e de sociabilidades.

Cada vez mais nos damos conta de que tal como provavelmente aconteça com o próprio Universo, e também com a teia da Vida, o Conhecimento em cada um de nós e entre todos nós deveria ser pensado como algo infinito e infinitamente indeterminado. Em uma pessoa, assim como em todo um campo da ciência ou em todo o saber disponível em um momento da história humana, tudo o de que se dispõe como “conhecimento” abre portas e janelas para esferas e alternativas de saberes ilimitados. A idéia de Sócrates está certa e errada. Não é que “só sei que nada sei”. É que, “todo o saber que sei me diz que o que eu não sei é ainda infinitamente maior”.

Neste sentido de uma ampliação muito grande no que toca a dimensão ilimitada e a complexidade do saber humano, estamos nos tornando conscientes de que processos vitais e processos cognitivos existem dentro de círculos e circuitos de uma grande intimidade, de uma complexa intercomunicação. Não aprendemos hoje para sabermos como agir e o que sermos em um momento futuro da vida. Não aprendemos “para a vida”, aprendemos com ela e para torná-la pessoal e socialmente possível a cada momento.

A pedagogia escolar é um feixe da maior importância em todo este fluxo de intercomunicações entre a vida – de seu plano mais biológico ao mais social – E será preciso partirmos do princípio de que ela não é a única e de que a escola é apenas um entre os muitos cenários de realização da vida como conhecimento. Por outro

lado, a pedagogia escolar não deve abrir mão do crescente de seu lugar em uma sociedade aprendente. Ela deixa de ser algo episódico e algo destinado a um sempre “aprender para” e se torna uma inevitável e nuclear instância em si mesma. Cada vez mais aprender terá em si o seu valor e o seu sentido. Assim também, cada vez mais a educação deverá deixar de ser instrumentalizada, para servir ao trabalho, por exemplo, ou ao mercado de bens e serviços, o que é bem pior ainda, para vir a ser uma das razões essenciais pelas quais vivemos cada momento de nossas vidas. Em uma sociedade aprendente – a que irá substituir, não esquecer, a sociedade do trabalho, pela educação e, de maneira especial, pela escola, haverão de passar os elos e feixes de uma múltipla atividade de enlaces e de criações relacionadas ao conhecimento e ao aprender-a-conhecer.

A educação terá um papel determinante na criação da sensibilidade social necessária para reorientar a humanidade” (26). Um vínculo essencial que cabe à educação: “relacionar intimamente o potencial inovador do conhecimento com a própria essência da vida” (28). (MATURANA) Aprender é um processo sem-fim. A idéia de que “saber não ocupa lugar” precisa ser repensada em sua máxima abrangência. O saber desvenda e coloniza (no melhor sentido da palavra) sempre novos lugares. A possibilidade de saber em cada um de nós é ilimitada.

O aprender é um processo criativo, ativo e inovador que se auto-organiza. Isto é, aprender e saber estão destinados não a acumular novos conhecimentos, mas a integrar diferentes tempos e diferentes modos de conhecimentos, de saberes, adquiridos e vivenciados em diferentes momentos de nossa vida. Aprender algo significa saber organizar em uma esfera cada vez um pouco mais complexa o todo e as partes de todo o conhecimento vivenciado. O saber cria a sua ordem em cada um de nós e o conhecimento cria a ordem das relações entre nós. Somos não o que sabemos, mas somos o conhecimento que aprendemos a integrar de maneira significativa.

Aprendemos com o todo da vida. Aprendemos com todo o corpo e toda a mente,. Com toda a alma e todo o espírito. Não existem sedes próprias do conhecimento, embora possam haver áreas cerebrais mais destinadas a tipos peculiares de conhecimento. Na verdade, aprendemos com o corpo o que integramos com o espírito. A dinâmica da vida e a do conhecimento estão interligadas; fazem parte de um mesmo processo. Esta visão nova e essencial deverá

aos poucos transformar toda a nossa compreensão corriqueira a respeito do “ato-de-aprender” e, por consequência, a respeito do trabalho pedagógico (isto é, tudo o que de algum modo está contido em gestos, processos e estruturas relacionais do ensinar-e-aprender) e da própria educação, no seu todo. A idéia tradicional de que se “aprende para a vida”, como se existissem aí atos e momentos separados, perde o seu sentido. Aprendemos com a vida: a inteligência-que-aprende e a vida-de-quem-aprende são o mesmo fluxo de interações e de transformações.

Podemos pensar mais além ainda. Podemos imaginar – e os dados mais recentes das pesquisas sobre o assunto apontam cada vez mais para isto – que somos sistemas de interligações, de interações, de intercomunicações e de integrações complexas com o próprio ambiente de que somos não apenas parte, mas eixos, feixes de relacionamentos, de significações.

Dentro de uma visão assim, as oposições tradicionais, do tipo: eu-mundo. Dentro-fora, ambiente-ser vivo devem ser relativizadas. Com Gregory Bateson podemos pensar que não existe vida sem o contexto da vida em cada um dos seres da vida. A minha vida existe na vida sistêmica do ambiente vital de que sou parte, integrado em feixes de intercomunicações. Isto vale tanto para a vida em mim, quanto para a mente que pensa em mim “isso tudo”. Bateson diz o seguinte: a unidade de sobrevivência é o organismo mais o ambiente que o circunda. A unidade de sobrevivência é idêntica à unidade enquanto mente (*Gregory Bateson, Pasos hacia una ecologia de la mente, 1976, Ed. Lohlé, B. Aires, páginas 515 e 516, tirado aqui Reencantar a Educação na página 36. As idéias a seguir, estão desta página até a 44. As anteriores vêm, aos pedaços, da página 17 à 35*)

Esta visão de uma integração auto-reguladora de uma dupla relação: a) a relação vida-individual X meio-ambiente-cenário-desta-vida; b) a relação vida X conhecimento (ou ato vital X ato inteligente de conhecimento = qualquer gesto ou atividade propiciadora da aquisição de um novo saber), põe em destaque uma outra compreensão pedagógica das trocas vivenciais e as cognitivas, entre o mundo-o meu outro-e eu.

O aprender não implica uma espécie de transferência de algo de fora para algo de dentro, como um processo de justaposição de unidades de saber em algum lugar interior (mente, percepção, personalidade) antes vazio “disto que se acaba de aprender”. Esta transferência mecânica não se dá, na verdade, porque não existem sequer dois sistemas de natureza diferente postos em relação.

Em si mesmo o conhecimento é a natureza da forma de ser de cada pessoa humana.

Ele é também a maneira de realizar-se, a cada instante, de todo um sistema aprendente de que eu, sujeito aprendente, inteligência humana capaz de aprender, sou um momento, sou uma parte, sou um eixo de relações cognitivas. O conhecimento não é uma espécie de sobreposição de um sistema de relações de que faço parte. Ele é a possibilidade do fluxo de interações dentro do sistema e entre eles outros sistemas. O conhecimento é a forma de existência do sistema.

Assim, o mínimo e o máximo atos de aquisição de conhecimento não são cumulativos. Eles não representam apenas mais “algo novo que é incorporado aos meus conhecimentos sobre isto ou aquilo ...” . Não é nem sequer algo integrativo, considerado em seu plano mais mecânico. Todo o conhecimento novo adquirido (e aqui a própria palavra “adquirido” é imprópria) é criado quando algo essencialmente radical está acontecendo.

E o que é que está acontecendo? O que acontece quando algo é aprendido é uma mudança do todo do sistema cognoscente em sua estrutura. Cada novo saber que “entra em minha mente” modifica-a no seu todo. Saber algo antes não sabido importa tanto uma ampliação quantitativa (pois algo novo foi incorporado) quanto uma transformação qualitativa em direção a uma maior reorganização do todo. Por simples que seja, qualquer ato de conhecer não é uma ação direta de um sentido, antes de ser um padrão único e especializado de conhecimento. Ele é o processo e o produto de uma ação pessoal e sistêmica complexa e resulta em uma reintegração de todo o sistema

Eis, portanto, uma pequena seqüência de conclusões provisórias que valem para todo e qualquer ser vivo, e que valem de uma maneira especial para o caso do ser humano:

1°. Os sentidos e a percepção não são janelas passivas abertas para o Mundo, para o cenário de ambiente do sistema de vida de cada ser; ao contrário, os sentidos são interlocutores ativos: não vemos o que “está lá fora”, vemos a integração negociada entre o que temos dentro de nós “ao ver isto” e “isto que vemos”, em um momento.

2°. Para prosseguir a sua vida e para desenvolvê-la (isto é: para realizá-la em níveis qualitativos de integração crescente) todo o sistema vivo necessita estar continuamente conhecendo algo novo a respeito de seu entorno. Necessita estar em busca da aquisição de novos

conhecimentos. E a integração de novos conhecimentos nos eixos e feixes de saberes adquiridos em momentos anteriores, são processos inevitáveis e essenciais para a sobrevivência e contínuo equilíbrio de qualquer ser vivo.

3º. No seu sentido mais amplo, o conhecimento é o constante processo de reintegração, de reorganização da dinâmica do sistema organismo vivo/entorno de vida enquanto um campo de ação (incluída aí a ação cognitiva).

4º. Os sentidos e a sensibilidade não são unidades separadas e especializadas de comunicação parcelar do organismo vivo com o seu mundo. Ao contrário, são feixes interligados de intercomunicação ativa com as várias dimensões do sistema. Vemos algo com a visão, com a memória, com o afeto e com a inteligência. Não vemos apenas com o olho, o aparelho ocular e as zoas cerebrais de processamento da visão. O simples “ver alguma coisa” já é um gesto ativo de integração de novos conhecimentos

O cérebro humano existe sempre à beira de estados críticos. Ele é essencial e existencialmente instável e só produz e reproduz: percepção, compreensão, conhecimento e integração de conhecimentos, na medida em que é um sistema aberto e auto-organizativo em constante processo de transformação de si mesmo através do que continuamente integra em si mesmo.

Tomada no seu todo e em sua compreensão mais ampla, mais aberta a uma visão globalizante, a aprendizagem não é, vimos já, um processo gradativo de aquisição e de acumulação de conhecimento. Ela não é, desde um ponto de vista neuropsicológico, um processo de reforço de memória, de capacidade operatória especialmente dirigida a um plano ou outro do saber. A cada momento da vida ela tem a ver com transformações qualitativas de todo o sistema que constitui um organismo vivo. Assim, quase se pode dizer que, ao aprender, não se “sabe mais”, mais se sabe “de uma outra maneira”.

Eis uma situação que vivenciamos a todo o momento em que um aumento exterior de quantidade (de saber, de conhecimento, de habilidades, de integração entre uma coisa e a outra) resulta de imediato em uma transformação da

qualidade do todo. Quando uma criança aprende algo significativo que não conhecia antes, ela não aprendeu apenas “aquilo”. Através “daquilo” ela alterou de algum modo todo o seu sistema cognitivo. Isto pode significar que ela modificou qualitativamente toda a sua “vivência vital”.

\ Dito de uma outra forma (atenção para a seqüência de “se” ...):

Se pudermos imaginar, dentro de uma teoria de inteligências múltiplas (Howard Gardner), por exemplo, que aprender significa integrar graus mais complexos de experiência-conhecimento-e-sensibilidade, como um plano ou uma dimensão específica de um todo cognitivo ao mesmo tempo uno e múltiplo - isto é, complexo no seu todo e diferenciado no seu tudo;

Se pudermos imaginar que cada um destes planos de inteligência-e-de-aprendizagem responde por integrações tanto de processos dinâmicos de aquisição do saber quanto por seus “produtos”, sob a forma de conhecimento subjetivo realizado;

se pudermos imaginar que as esferas pessoais e interpessoais de inteligência-e-aprendizagem estão absolutamente interligadas em redes e conexões totalizadas que constituem o sistema total de um organismo, de uma pessoa;

Se pudermos imaginar ainda que cada um de nós existe individualmente enquanto um elo de inserção de nossa própria individualidade em sistemas formados por conexões, por teias de relações por feixes vitais e simbólicos de existência, não apenas em plano sociocultural (os mundos que criamos para habitar em nosso mundo e o nosso mundo), mas igualmente no plano dos entornos naturais de que somos parte ativa.

Então (finalmente!) será possível imaginar que cada um destes planos de interações-integrações-e-indeterminações se altera qualitativamente através de cada ato pedagógico de aprendizagem. O que equivale a apostar que a cada novo conhecimento todo este complexo sistema se desequilibra e se re-equilibra, a seguir, em um novo plano de integração, de interação e de indeterminação.

Assim, sempre que algo novo é aprendido, não é só este “algo novo” que é acrescentado ou acumulado a complexos subjetivos de conhecimento já-adquirido. O que ocorre é uma configuração de todo o “sistema pessoal pensante” como algo complexo, interligado, interdependente e dinâmico.

Estas idéias nos devem levar a pensar que a maneira como tradicionalmente constituímos os nossos conhecimentos e pensamos o que pensamos, está algo

equivocada. Tendemos a imaginar que é através de sucessões de imagens que imaginamos, e que é com representações de pensamento que pensamos a partir do que sabemos. Mas a verdade é que o conhecimento emerge da história da ação humana, das práticas humanas recorrentes de maneira processual e contínua. É a história das práticas humanas que dá um sentido ao mundo, incluídas aí as práticas regidas pelo conhecimento. (43).

O conhecimento e, portanto, o processo de sua aquisição, não envolvem uma estocagem de representações manipuláveis em seus conjuntos, à medida em que pensamos ou quando memorizamos alguma coisa. O saber não é uma matéria do pensar que possa ser acumulada, vimos já, ou que possa ser passada em unidades de um plano para o outro. Que possa ser transmitida. Uma pessoa não “passa”, não “dá”, não “transmite”, conhecimento para uma outra. Nem mesmo o melhor professor ... ou melhor, principalmente um bom professor.

O que ocorre é que em um momento de um processo de ensinar-e-aprender, uma e a outra estão situadas no interior e nos limites de situações e de contextos interativos de trocas. De transações interativas entre sentidos e significados situadas: a) no mundo interior de cada uma pessoa envolvida; b) no interior do sistema interativo realizado naquele momento entre elas; c) no interior de um sistema igualmente presente e interativo, entre elas e o entorno natural e social do momento que compartilham.

É sobre a base de interações, esta base de uma história compartilhada de transações, esta base de negociações entre feixes significativos de ações e de interações, que cada pessoa humana constrói aquilo a que damos o nome de “o seu próprio saber”, através de sua participação ativa e criativa no processo. “o seu próprio saber” significa: a aquisição pessoal de novos conhecimentos, que, mesmo quando aparentemente simples, são sempre mais livres e mais indeterminados do que supomos, quando “ensinamos”. Se em todo o processo de aprender há uma lógica, em toda a lógica do aprender existe uma história.

Não se podem passar os conhecimentos de um lado para o outro. O conhecimento se constrói sempre sobre a base de um novelo de ações, e é sobre a lógica desse entremado de ações que é preciso agir para poder, justamente, abri-lo para a flexibilidade e a transformação. (*Varela, apud Hugo Assmann, página 43*).
(VARELA)

Só ensina de fato quem “convida ao saber”. Quem abre portas e janelas em múltiplas direções. Quem apontada porta os caminhos e deixa ao outro a liberdade da escolha. Quem, ao invés de dizer aos seus alunos que já chegou a um lugar definitivo (do saber, do conhecer, do “dominar os seus assuntos”) declara que também está incompleto, inacabado. Que também está estudando enquanto ensina e, portanto aprendendo com os outros e não apenas ensinando a eles.

No diálogo que a sala-de-aula deve estar sempre criando e recriando, não existe saber algum que possa vir a fazer-parte-de-mim se não for o despertar de algo novo dentro de mim. E, na minha relação docente com os meus alunos: dentro de nós. Eis mais um sentido, agora coletivo, solidário, compartilhado, em que todo o ato de conhecimento é um gesto de criação através de uma multi-aprendizagem (um aprender partilhado por várias pessoas que vivem aquilo-que-se-está-aprendendo desde o seu ponto de vista, segundo o seu ritmo e com uma integração muito pessoa com os seus saberes e as suas aprendizagens anteriores). Tudo é como um almoço de domingo onde cada um aporta o seu quinhão de ajuda na copa e na cozinha. E, depois, cada um vem e faz o prato que escolhe, come no seu ritmo e digere segundo o seu corpo.

Uma das conseqüências mais importantes de tudo isto, é o podermos trazer para aqui uma idéia tão fértil quanto propriamente poética. A idéia científica de autopoiesis. De algo que responde por reger qualquer sistema em equilíbrio. E, com mais propriedade ainda, qualquer organismo da vida situado no campo do sujeito humano: de cada um de nós, portanto.

Somos, como tudo o que é vivo, seres capazes de gerar as condições de manutenção endógena de nossa própria equilibração. Mas, à diferença dos outros seres da vida, possuímos um tipo de consciência que transforma esta propriedade essencial da vida.

Somos seres dotados de formas geradoras de autoconsciência, de trocas misteriosamente interiores entre o corpo e a mente, entre a bioquímica dos nervos e o espírito, entre a nossa própria individualidade - a partir das dimensões complexas de nossa própria interioridade - e as redes interligadas de símbolos e de significados de cujo mundo social fazemos parte.

Ao mesmo tempo em que estamos, como seres da vida, em uma contínua interação criadora e também auto e alter equilibradora de nós mesmos e de nosso entorno natural, estamos também em uma complexa, múltipla, diferenciada e contínua interação com as “teias e ramas”, com as redes e intercomunicações dos mundos culturais de nossa vida social.

Um fato por desgraça esquecido com freqüência entre os educadores, é a extraordinária capacidade humana de criar mundos próprios. De internalizar sentidos e sentimentos. De antecipar criativamente situações. Enfim, de realizar todo um riquíssimo e muito complexo trabalho intenso e profundo, dirigido à nossa autoequilibração.

Ora, aprender é integrar novos dados, novos fatos, novas sensibilidades, novos saberes. E integrá-los não a regiões ou lugares específicos em nosso cérebro, ou onde quer que seja (inteligência corporal, inteligência emocional, inteligência ...), mas em um todo interior que se enriquece a cada novo saber, na mesma medida em que se reintegra e se reequilibra em uma dimensão mais densa e complexa, a cada conhecimento significativo.

Se esta ilimitabilidade vale para o pensamento que pensa racionalmente o real, como o da Geometria, valerá mais ainda quando ousarmos considerar a imaginação humana como uma forma fértil e criativamente imprevisível e confiável de pensamento.

Pois a imaginação (aquilo que antes até se proibia, e ainda hoje mal se tolera em algumas escolas) quer sempre ir além dela mesma. Se o saber da ciência empírica e o conhecimento racional não desejam conhecer limites, a imaginação em absoluto não os tolera. Ela é como um vôo de pássaro, que uma vez iniciado desde um ponto único num galho de árvore, pode tomar qualquer direção, mesmo que não possa ir a todos de uma vez. Ela é, em cada um de nós, a criança ainda não saída da “idade dos porquês”. Ao lado do pensamento crítico que busca a precisão e a verdade, a imaginação abre mão de ser justamente isto: precisa, isto é: limitada.

Não sendo um aparelho interior de pesquisa objetiva destinado a criar idéias “reais” sobre a realidade, ela em nada serve para dizer como as coisas são. Serve para sugerir como elas poderiam ser, como seriam ou serão, se vistas, sonhadas e “imaginadas” de outras maneiras, de múltiplas maneiras, de maneiras não-convencionais. Sendo o “outro lado” da inteligência que pensa o racionalmente objetivo, a imaginação não serve a contar as coisas. Ele é um convite a cantar a vida interior de cada coisa e as interioridade das relações imagináveis realizadas entre elas.

Se o raciocínio lógico deve ser como uma boa fotografia, a imaginação criativa é um desenho a mão livre. Esta faculdade mais amorosamente humana do que toda a lógica racional não é sequer, talvez, uma “faculdade humana”. Ela é o limite da combinação interior de todas as capacidades da pessoa. E ele é a possibilidade, em

cada um de nós e nas comunidades de idéias e de imaginários em todos os círculos em que estamos envolvidos, de se estender o pensamento humano as seus máximos limites. Ao que por ser justamente mais imprevisível e menos subordinado a regras (não existe uma gramática do sonho, não existe uma lógica do imaginário) é o que há de mais ... humano. (BACHELARD)

Estamos continuamente nos auto-produzindo, nos auto-re-equilibrando, como pessoas. Em nossas trocas conosco mesmos, com nossos outros (outros eus-em-relação de nosso mundo) com círculos, âmbitos, teias e redes de inter-vivências, de inter-comunicações, de inter-trocas de sensibilidades (desejos, afetos, sentimentos, emoções etc), de sentidos (significados, imaginários, idéias e ideologias, valores) e de saberes (conhecimentos, saberes científicos, etc) estamos sempre criando algo. Estamos a cada momento trabalhando em favor (ou, desafortunadamente, em alguns casos conspirando contra) os processos morfogenéticos (equilibradores de formas de sistemas) de realização de nossos círculos socioambientais de vida - de uma floresta vizinha à nossa equipe de trabalho - e de nossos circuitos interiores de vida pessoal.

Este processo é dinâmico. É incessante e é ininterrupto. Mesmo à noite, dormindo, um sonho é um novo saber (e, às vezes, que imenso e desconcertante saber novo, sobre o material aparente de “velhas imagens”). Assim como a vida do que é vivo se esgota quando deixa de realizar trocas neo-equilibradoras com o seu meio-ambiente, assim também a vida interior não pode sequer se manter “viva” sem estar a todo o instante apreendendo. Isto é: internalizando, interiorizando e reintegrando novos saberes. (Perdão por isto estar tão repetido no texto. É importante e é provisório)

Aprender é isto. Este é também o sentido em que não se “adquire conhecimento”, da mesma maneira como não se “dá” ou não se “transmite o saber” (como se faz em uma transfusão de sangue de pessoa a pessoa, por exemplo). Na verdade estamos sempre criando situações em que cada um, a cada momento, à sua maneira, no seu ritmo e segundo os seus modos próprios de interiorização de experiência intersignificativas, integra em si o seu conhecimento.

Como não “se dá” conhecimento, todo o conhecimento “adquirido” é, na realidade, uma criação pessoal vivida em uma relação interpessoal (mesmo que o outro-que-me-ensina esteja em um livro). Aprender e criar são sinônimos absolutos. E mesmo em uma situação pequenina, criar é como pronunciar pela primeira vez a fórmula mágica que torna real a própria magia. Hanna Arendt escreveu certa feita esta idéia verdadeira e bela: todo o nascimento é um espécie de milagre. De uma maneira

semelhante, podemos ousar pensar que todo o ato de criação contido no gesto de aprender, é também uma espécie de milagre. (ARENDR)

Tudo o que foi dito até aqui sugere um campo cultural. Sim, na verdade todo o complexo de tecidos e teias, de redes e de sistemas de símbolos, de significados e de saberes em/com que estamos envolvidos e “enredados” desde o momento do nosso nascimento, constitui o mundo da cultura, fora do qual não existe a possibilidade de uma existência humana.

Por havermos surgido no Mundo como uma espécie de seres muito despreparados para viver, aprendemos a saber de uma maneira muito complexas. Muito elaborada demais. E como o saber em nós não é inato, não vem pronto do código genético e é apenas complementarmente “acabado” até chegar depressa ao seu limite de realização, mas é - estamos vendo o tempo todo aqui - uma construção sem limites, aprendemos-a-saber, mais do que apenas aprendemos-para-saber. Assim, fomos forçados a aprender a criar (a prever o novo e torná-lo em, algum plano, real, partilhavel). O saber é o nosso “instinto” e o criar é um saber que começa de novo, a cada instante.

Não devemos esquecer de que, seres humanos, somos filhos e servos da palavra. Criamos um mundo regido pela palavra, pelo que nos falamos uns aos outros e pelo que lemos e escrevemos. Somos os seres da natureza que nascem do que falam. Criamos quem somos - cada pessoa, cada pequenos grupo, cada povo, cada sociedade, cada nação, cada cultura - ao nos dizermos uns aos outros, quem somos e quem são “eles”: nós, os outros. É porque existe a palavra, é porque existe a linguagem e é porque sempre pode existir algo como a poesia, que nós, metáforas de nós mesmos, existimos.

Vivemos dentro de pluri-campos semânticos criados por pessoas como nós antes de nós. Campos de símbolos, de palavras, de frases, de significados recriados nisto e naquilo por nós mesmos. Campos da vida cultural transformados pelas pessoas que nos irão suceder. E de uma maneira inevitável nós nos enredamos literalmente em um belo, sinuoso e multi-complexo tecido cultural que, através da socialização primária e da socialização secundária (sem fim) nos transforma inclusive no autor cultural e no ator social de nossas próprias vidas. Algo cuja história, cujo futuro, cuja lógica, cuja estrutura e cuja dinâmica nos transcendem. Nunca abarcamos tudo o que está contido neste campo cultural. Nunca compreenderemos as razões de tudo o que ele contém e, no entanto, somos quem somos porque vivemos dentro dele. Terra metafórica onde nascemos, casa de partilhas onde vivemos, nave que nos leva

para um rumo que humildemente podemos antever, sem nunca ter certezas de quando vamos chegar e de onde iremos aportar ... se é que isto ir acontecer algum dia.

Mesmo aquilo que consideramos como nossas idéias e nossos pensamentos, nossas crenças e nossas convicções “próprias”, constitui, na realidade, algumas variações de sintaxes e de semânticas sociais já pre-configuradas e predefinidas.

De uma maneira semelhante a como acontece com o nosso corpo que, íntima, orgânica e espiritualmente associado à nossa mente, aprende a adaptar-se ao seu meio-ambiente natural - a saber pouco a pouco sobre como deitar e sentar, como andar e parar, como manter-se em equilíbrio, como reagir ao frio, a calor, ao perigo e à fome - assim também outras esferas de nosso psiquismo aprendem a lidar com a cultura de que são parte. Aprendem pessoalmente, assim, a adaptar-se, aprendem a conviver e, mais do que tudo, aprendem criativamente a equilibrar-se no/com os seus ambientes culturais. Que não são nunca, não esquecer, uma “coisa” pronta, acabada e consagrada. Que são, antes, como vimos já, eixos e feixes, teias e tramas dinâmicas e bastante imprevisíveis de símbolos e de significados com que entretecemos a cada instante, ao mesmo tempo, os mundos de que somos pessoas e as pessoas que somos nestes mundos.

Na verdade, a cada momento se descobre mais e mais a respeito de como cada um destes meio-ambientes se enlaça com e se entrelaça dentro de um todo regedor da vida e da vida humana. Um campo de relações que apenas quando tomado no seu todo – inclusive e principalmente enquanto um tecido contínuo e dinâmico de aprendizagens – constitui, neste todo integrador de todos os sistemas ambientais e em cada um destes meio-ambientes, aquilo que poderíamos dar, afinal, o nome de um “ambiente inteiro”.

A educadores importa transformar este aparente “sinal menos” na relação pessoa-cultura, ou mente individual-campo de significados, em um “sinal mais”.

Sim, porque o que passa é que na dinâmica inevitável das interações entre as pessoas, entre as pessoas e os seus símbolos, entre símbolos e símbolos (ou entre significados e significados), o que está acontecendo todo o tempo é uma fascinante relação dialógica entre a criação interpessoal da cultura e a criação cultural da pessoa. Pois afinal tudo o que criamos, tudo o que inventamos é obra de uma partilha de idéias, de disposições, de imaginações, de inteligência e de ações pessoais e interpessoais. Nós criamos a todo o instante o mundo em que vivemos. Mas é dentro deste mundo, dentro de suas culturas que cada um de nós vive e experimenta a

possibilidade de interagir com sentido. Isto é, de agir interativamente com outros, entre outros, atribuindo sentido a outros e recebendo de outros a atribuição de sentido sobre nós mesmos. O mundo em que vivemos nos cria e recria continuamente.

E aqui, ao falar outra vez a palavra “criação”, temo que seja para pelo menos em parte negar o que escrevi até esta página. Porque de algum modo o que eu penso a cada instante, o que eu acabo de pensar, o que estive pensando hoje nada possui de criação absolutamente original. Não é algo de minha exclusiva autoria e, portanto, sequer pode ser minha posse. Eu bem sei que penso os meus pensamentos, mas com que cuidados devo dizer: “este pensamento é meu!”. Pois cada um dos pensamentos “meus”, são uma parte do fluxo cultural (até mesmo cósmicos, de uma grande consciência universal, dirão os mais ousados) das teias e tecidos de sentido e de significado de que faço parte.

Não quero exagerar em dizer que isto que estou pensando para escrever neste agora é um breve instante em que idéias e pensamentos “ideadas” e “pensados” por outras pessoas passam por mim, chegam a mim, atingem o lugar de minha consciência e, querendo-o ou não, me convocam a entrar no diálogo sem começo e sem final conhecidos, identificáveis, em que por um momento me é dada a palavra.

Dentro de mundos de cultura, o que se cria e o que cria algo à sua volta faz parte e dinamicamente constitui uma comunidade de imaginário de que cada um de nós, em que cada um de nós é mais um companheiro de destino do que um hospedeiro, mais um convidado do que um proprietário e mais uma reticência do que um ponto final.

Tudo o que existe na vida está sempre dentro de um processo convergente de evolução criativa. É através da adaptação e da flexibilidade que os seres vivos com quem compartilhamos a trajetória da evolução, foram aos poucos adquirindo a sua configuração atual. Tudo o que é vivo, em cada ser, em cada espécie, na totalidade da vida, resulta deste processo contínuo.

Durante este processo não apenas espécies vivas foram se transformando, mas isto aconteceu e segue acontecendo também com os próprios cenários da vida, os nichos ecológicos em interação com as mais diferentes formas de vida vegetal e animal.

Tudo o que aconteceu e segue acontecendo pode ser visto e pensado, também, como algo que ocorre como aprendizagem. Como formas comuns à vida e como maneiras especiais de lidar com a aprendizagem. Pois a adaptação ao mundo e às

suas mudanças, do mesmo modo como a capacidade de transformar-se para seguir “dentro da vida”, tudo isto significa um trabalho de aprender-saber-reaprender.

Em um sentido quase darwiniano, podemos supor que desapareceram e desaparecem (quando não através de uma brutal ação antrópica) as espécies que cessam de aprender e aprender a reaprender sempre, continuamente.

Uma idéia, quase um princípio de interação e de integração, deve ser ressaltado com a máxima clareza possível. Ele é o seguinte. Ainda que este processo de aprendizagem-transformação-adaptação-reaprendizagem-retransformação, pareça ser um trabalho individualizado de cada espécie viva (luta das espécies, sobrevivência do mais forte, do mais apto) na verdade o que acontece mesmo é um trabalho coletivo, compartilhado, global, holístico.

Há uma interdependência essencial entre cadeias e todos de seres vivos em tudo o que acontece. E há, em um plano ainda mais envolvente, uma interdependência completa entre cada um deles, entre todos de uma teia e o seu meio-ambiente direto, e o seu nicho ecológico. Em uma escala ainda mais generosamente aberta e ampla, podemos dizer que o todo abarca tudo o tempo em todos os lugares (CRB). Assim, é como se tudo o que há estivesse em um contínuo trabalho de intertrocas regidas por modos e processos de aprendizagem, para ser o que é e para transformar-se no que virá a ser.

Assim, de uma maneira especial, a espécie humana é a história de uma trajetória ininterrupta de transformações de conhecimento e de evolução cognitiva.

Nela estão em tudo e sempre interligados processos vitais e processos cognitivos. Aqui perde totalmente o sentido a máxima latina: primeiro viver e, depois, filosofar. A experiência da vida e o pensar (organicamente, racionalmente, afetivamente, seja lá como for) a vida e sobre a vida, é parte de nosso próprio processo vital de sobrevivência.

De uma maneira mais diferenciada e mais complexa do que em todas as outras espécies da vida, somos o que aprendemos a ser a cada momento. Isto vale para a nossa espécie, ao longo de sua história e vale para cada um de nós, através de cada biografia individual.

Somos seres aprendentes e isto nos define muito mais do que o sermos “seres racionais”. A própria racionalidade é uma operação contínua do aprendizado. É muito importante distanciar a inteligência da pura racionalidade e opô-la à emoção e à vida. Ao contrário, nosso corpo e nossa mente, nosso cérebro e nosso espírito aprendem

em todos os planos para serem, em todas as dimensões, a pessoa que realizamos em nós a cada momento. **(MORIN)**

Tudo o que está em nós: o corpo, o cérebro no corpo, a mente no cérebro, o espírito humano na mente, as diferentes modalidades de inteligências (palavra que não deve ser dita no singular), inclusive a inteligência emocional, estão em nós como o resultado de um imenso e complexo trabalho de multi-aprendizagem da espécie de que somos uma realização pessoal. De outra parte, cada um de nós está constantemente se transformando em parte e no todo de si-mesmo ao vivenciar cada situação de aprendizagem. Vale lembrar algo que foi dito e repetido aqui. Tanto com a espécie humana no seu todo como em cada um de nós, cada efeito do trabalho de aprender provoca alterações no todo e não apenas na parte especializada de saber ou de área de saber mais próxima daquilo que foi adquirido. Daquilo que foi especialmente que foi aprendido, que se tornou algo “conhecido-e-sabido”.

Em todos os seres vivos tudo aquilo que se transformou como resultado de uma evolução de aprendizagens, tende a manter ativo o próprio trabalho evolutivo. Isto é, tudo o que se ao aprender se transforma, tende a manter o processo de aprender e se transformar permanentemente em atividade. “É a chamada evolução da evolução” (pg. 54).

Nos relacionamentos entre o mundo e a vida, as mudanças e variações da espécie e de cada indivíduo dela não são reduzidas a uma apenas capacidade adaptativa externa. O, que há é um processo interior, uma convergência de energias e trocas de foro interior e cognoscente, entre a espécie viva e o seu meio ambiente. Este é o sentido em que se pode mesmo falar de um diálogo entre cada ser vivo e seu ambiente, entre cada um de nós e todo os cosmos. Não apenas nada está separado de nada e tudo pertence ao mesmo todo, como também em cada ser vivo, em círculos mais e mais amplos de cenários-da-vida, há uma partilha interiorizada de trabalho transformador, de sentido de equilíbrio e de reciprocidade de interinfluências.

Em cada ser vivo e, de maneira peculiar, em cada ser humano, o cérebro é um órgão a todo instante evolutivo. Ele está integrado ao corpo por infinitas teias de sentido e sentimento, e está interligado também ao seu entorno, ao mundo com o qual continuamente está interagindo através da aprendizagem e através do que faz com o que se aprenda.

Tudo o que acontece com ele em termos de aprender-reaprender não acrescenta apenas mais saber, não desenvolve mais habilidades, não acumula mais discernimento. Sobre o fazer com que isto continuamente aconteça, o cérebro, o todo

da pessoa que o abriga e, de maneira convergente e solidária, todo o entorno de vida e de energia irradiante de seu ambiente, estão sendo capazes de processar re-equilíbrios em níveis e sob formas mais complexas, mais diferenciadas, mais aperfeiçoadas, portanto, em uma direção francamente ascendente.

A natureza própria do cérebro humano é a instabilidade. Ele não se estabiliza a partir do momento em que atinge um ponto de equilíbrio e de adaptação provavelmente ideal para o exercício de seu trabalho, de suas funções interativa. Ele não é como o dente ou o nariz. Ao contrário, inestável, aberto ao novo e capaz de integrar sempre novos conhecimentos e de integrar-se em novas esferas de equilíbrio autopoietico a partir disto, o cérebro é um sistema aprendente sempre capaz de ir além de si mesmo.

É por isto que já ao final deste esboço rascunhado de idéias sobre o conhecer, o aprender e o ensinar, um pensamento pode retornar.

O pensamento humano não é nunca uma estação a que se chega e desembarca. Ele é, muito mais a própria viagem que se faz, e mesmo que ela possa ter muitas “paradas”, ela é, a quem quiser, uma viagem sem-fim. Uma viagem que pode ter tido um ponto de partida previsível (se é que isto existe), mas uma viagem sem um ponto previsto de chegada, ainda que ela deva e possa ter um “plano de viagem”. E não existe um lugar de chegada e nem um tempo de chegar, pelo simples fato de que isto não existe.

O pensamento é a aventura de si-mesmo. É uma pergunta em busca de respostas. É um eixo, um feixe, um emaranhado que faz e refaz um tecido sem fim. Um pano-do-saber a que sempre podem ser acrescentados novos fios e para o qual sempre podem ser imaginadas novas formas e novas urdiduras.

Pensar, como acontece quando um filósofo pensa as suas questões, é estar aberto a estar sempre reaprendendo a ver-o-mundo. O exercício de pensar começa no reconhecimento da própria imperfeição, assim como a ciência avança quando erra e vive momentos de estagnação quando imagina que chegou a descobertas e a teorias definitivas.

Quanto mais uma pessoa aprende mais é capaz de pensar por conta própria. Mas é quando mais ela descobre que precisa dos outros, que só avança através do diálogo. Quem pensa melhor porque aprendeu de novo, está sempre recomeçando outra vez. E não porque não sabe para onde vai, mas porque está sempre em busca do princípio de todas as coisas ... a começar pelo seu próprio saber. (MERLEAU-PONTY, POPPER).

Se todas estas idéias são pertinentes, então o trabalho do educador deverá ser bastante revisto. Não apenas por estas razões, mas por outras tantas, algumas delas mais diretamente vinculadas aos direitos humanos, a responsabilidade do educador se vê bastante aumentada. Ao contrário do que poderia parecer, justamente agora, quando se fala tanto em “crise da escola” e até mesmo em “fim da escola”, a educação e a escola devem recobrar um valor redobrado.

Se o aprender não é uma acumulação provisória e utilitária de conhecimentos dirigidos diretamente ao exercício de habilidades parceladas, restritas e perigosamente “mecanizáveis”, quando não subordinadas a uma mente pensante, crítica, ativa, participante e criativa, se o aprender é, vimos, uma atividade inerente a tudo o que é vivo e que responde pela totalização do ser de cada pessoa e pela realização de cada cultura, então a função do educador ganha a dimensão de um verdadeiro agente do processo mais importante de toda a vida: aprender.

É sobre este assunto que este rascunho de idéias deverá prosseguir, até o ponto de poder constituir uma proposta (entre muitas) de fundamentos do trabalho pedagógico.